

**O CAMINHO PELA LINGUAGEM: EMANCIPAÇÃO
E TRANSFORMAÇÃO LIBERTÁRIA DO SER**

*Nayra Marinho Silva Paz*¹² (UESB)

nmsilva06@hotmail.com

Carla Salati Almeida Ghirello-Pires (UESB)

cghpires@hotmail.com

RESUMO

A pesquisa em foco objetiva discorrer acerca da constituição do pertencimento de um jovem, JR, com a trissomia do cromossomo 21, a T21, por meio do processo de apropriação da linguagem. Trata-se de um estudo de caso qualitativo, baseado no método materialista histórico-dialético, com vistas a oferecer um atendimento para o participante da pesquisa direcionado às suas necessidades linguísticas, o qual oportunize avanços em seu funcionamento de linguagem e tais progressos possibilitem a emancipação do eu, a tomada de decisão, bem como iniciativa no dizer e manifestação das vontades. Afinal, a linguagem configura a mola propulsora para o avanço dos sujeitos, para produzir significações e unir as coletividades na luta pelo pertencimento e pela liberdade. Quanto aos aspectos teóricos norteadores do estudo, assumimos a Neurolinguística Discursiva (ND), a Teoria Histórico Cultural (THC) e a perspectiva da interseccionalidade. Nesta etapa do estudo, vislumbramos por meio da situação relacional com o outro, transformações significativas na linguagem do sujeito JR, como o desdobramento das sentenças, formação da identidade enquanto um jovem com a T21. Esse passo é o ponto de partida para toda a trajetória de um ser, cuja vivência será cotidianamente uma mudança libertária constituída pela linguagem.

Palavras-chave:

Linguagem. Formação da Personalidade. Trissomia do Cromossomo 21.

ABSTRACT

This research in focus aims to discuss the constitution of belonging of a young man, JR, with trisomy 21, T21, through the language appropriation process. This is a qualitative case study that was based on the dialectical historical materialist method, with a view to offering the research participant a service directed to their linguistic needs, which allows advances in their linguistic functioning, at the same time that these advances make possible the emancipation of the self, decision-making, as well as initiative in saying and expressing desires. Since language configures a huge force for the advancement of subjects, to produce meanings and unite collectivities in the struggle for belonging and freedom. As for the theoretical aspects guiding the study, we assume the Discursive Neurolinguistics (ND), the Historical-Cultural Theory (HCT) and the perspective of intersectionality. At this stage of the research, we glimpsed through the relational situation with the other, significant transformations in the language of the subject JR, such as

¹² Agradeço à UESB o apoio financeiro concedido.

the unfolding of sentences, formation of identity as a young person with T21. This stage is the starting point for the whole trajectory of a being, whose daily experience will be a libertarian change constituted by language.

Keywords:

Language. Personality Formation. Chromosomal trisomy 21.

1. Introdução

O presente trabalho trata-se de um estudo de caso com o objetivo de discutir a constituição de pertencimento de um jovem, JR, com a trissomia do cromossomo 21, T21, edificada no processo de apropriação da linguagem. Para isto, faz-se necessário a manifestação desse instrumento interno na situação relacional intencional com o outro. Compreendemos que a linguagem é fundamental para a humanização do ser, ou seja, é “inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos, fio profundamente tecido na trama do pensamento” (HJELMSLEV, 2013, p. 1). Diante da assertiva, notamos a relevância da linguagem.

Desse modo, as interações na/pela linguagem propiciaram saltos qualitativos significativos no desenvolvimento global de JR, bem como na formação da sua personalidade. Assim, para a reflexão que ora apresenta-se, tomamos como base a Neurolinguística Discursiva (ND), a Teoria Histórico-Cultural (THC), edificada sob os postulados de Vigotski¹³ e, ainda, a perspectiva da Interseccionalidade de Davis (2018), são estes os pilares fundamentais para esta pesquisa.

Dito isto, faz-se necessário conceituarmos a T21 geralmente conhecida como síndrome de Down. Não se trata de uma doença, é uma condição orgânica, irreversível, sem grau de acometimento, ocorrida na fase de desenvolvimento embrionário, conforme Stratford (1989). Cabe destacar que a T21 é vista como a causa genética central da deficiência intelectual e, segundo o neuropediatra brasileiro Salomão Schwartzman (2003), a síndrome mencionada pode ser observada por meio de ultrassonografia ou após o nascimento, mediante análise das características fenotípicas comumente presente nas pessoas com T21.

A alteração genética pode manifestar-se de três formas, a saber: trissomia 21 padrão, nesta a pessoa possui 47 cromossomos em todas as células e três cromossomos no par 21. A incidência é de 95% dos casos; a

¹³ Destacamos que o nome deste autor diferencia-se na literatura de acordo a tradução adotada, dessa forma, para menção será adotada Vigotski.

trissomia por locação, a pessoa tem 46 cromossomos e o extra liga-se a outro par, normalmente o 14. A incidência é de 3% dos casos e o tipo mosaico, a pessoa possui células normais, por exemplo 46 cromossomos, bem como células trissômicas (47 cromossomos). A incidência é de 2% dos casos.

A síndrome de Down (SD) foi caracterizada, em 1866, pelo médico inglês Sir John Longdan Down, que a denominou *idiotia furfurácia* e posteriormente *idiotia mongólica* ou *mongolismo*. Em 1959, a referida síndrome foi confirmada pelo pediatra francês Jérôme Lejeune, do Departamento de Genética Fundamental da Universidade de Paris, como uma ocorrência genética e pelo reconhecimento ao trabalho de Longdan Down pela primeira descrição, denominou-se à esta condição o epônimo síndrome de Down. Atualmente a síndrome de Down está sendo denominada como Trissomia do cromossomo 21, ou simplesmente T21, por descrever de forma mais adequada o que é esta condição.

Cabe ressaltar que as características físicas da T21, não configuram o destino das pessoas com essa condição, pois conforme será explanado no tópico a seguir, a THC objetiva romper com o paradigma determinista biologizante, para valorizar as possibilidades dos sujeitos. Dito de outra forma, a construção da história, da vivência e da identidade das pessoas com a T21 não estão determinadas ao nascimento pela condição orgânica manifesta, mas nas condições concretas oferecidas para que elas se desenvolvam. Assim, são inúmeras as possibilidades para os avanços e para as transformações.

No que concerne às questões do funcionamento da linguagem, a T21 concentra algumas particularidades descritas pela literatura, como por exemplo, dificuldades nos níveis linguísticos, fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático. Autores como Meyers (1989), Rondal (1991), Borghi (1990), Cuileret (1984), entre outros, desempenharam estudos relacionados à fala, articulação fonológica, desempenho e organização de narrativas, e foram identificados por eles, problemas nessas áreas, nas pessoas com a síndrome de Down. Os pesquisadores descreveram as dificuldades observadas, os comprometimentos e os atrasos. Dessa forma, reconhecemos os aspectos orgânicos existentes, como também as questões quanto à linguagem, contudo tais fatores não são impeditivos e nem determinantes para o desenvolvimento no funcionamento da linguagem para esses sujeitos. Essa reflexão leva-nos a necessidade de acentuar que a linguagem não é inata, pré-determinada biologicamente, assim, é necessário a presença do outro para organizar os modelos, as significações produzidas

pela linguagem para serem propostos às pessoas com T21, no intuito de dar a elas um contexto linguístico facilitador.

Salientamos que o caminho para apropriação da linguagem começa na relação com a família, em virtude disso é de suma importância o conhecimento das informações adequadas por parte dos pais/cuidadores. Assim, eles terão acesso aos caminhos para favorecer a apropriação da linguagem, pois muitos familiares vivenciam dificuldades devido a forma de como é dado o diagnóstico.

Em muitos contextos, são passadas orientações apenas de caráter orgânico, focalizando as dificuldades relegando, assim, as questões concernentes à linguagem. Dessa maneira, admitimos as potencialidades das crianças/jovens com a T21, porém demandará mais empenho e trabalho de intervenção de linguagem precoce, para que elas passem pelos processos de aquisição. Por isso, admitimos uma perspectiva de linguagem edificada na teoria histórico-cultural. E a esse respeito, discorreremos a seguir.

2. *Linguagem: trilhas na Neurolinguística Discursiva e na Teoria Histórico-Cultural*

O caminho para apropriação da linguagem, conforme a THC, dá-se por meio do processo de interação entre a criança e o adulto culturalmente mais desenvolvido, pois o outro imprimirá significações na situação relacional. No entanto, destacamos que neste funcionamento, a criança atua ativamente para internalização do signo, mas necessita participar deste intercâmbio simbólico com o adulto.

O neuropsicólogo Luria afirma que Vigotski concendeu à linguagem papel central “na organização e desenvolvimento dos processos de pensamento”, (2017, p. 26). Ela é para Vigotski, um instrumento interno para organizar e controlar o comportamento humano. No que se refere ao pensamento e a linguagem, para Vigotski (2018), possuem raízes diferentes e desenvolvem-se separadamente.

O referido estudioso apresenta-nos dois conceitos, “a fase pré-intelectual no desenvolvimento da fala” e a “pré-verbal na evolução do pensamento durante a infância” (VIGOTSKI, 2018, p. 129). O autor complementa que apesar de distintas a essência das raízes entre o pensamento e a linguagem há um momento no qual eles se cruzam, assim, o pensamento passa a ser verbal e a fala, por sua vez, intelectual.

A THC foi edificada por Vigostki em sua busca por uma psicologia científica, direcionada às questões do desenvolvimento humano vinculado às experiências sociais, assim, uma teoria histórica e social, construída sobre as bases do método materialista histórico-dialético, cuja fonte foi buscada por Vigotski na obra de Karl Marx e Friedrich Engels.

O Capital, obra de Marx (2013), foi escrita para os trabalhadores das fábricas para que eles tomassem consciência quanto ao funcionamento da estrutura experienciada por eles, e os efeitos disso como a alienação e a dominação pelo trabalho, apontam-nos a substância do pensamento marxiano, entender a realidade concreta, que não se dá de maneira direta, mas mediada pelo acesso ao conhecimento científico para transformação da realidade vivenciada.

Porquanto Vigotski partiu do método de Marx (2013), podemos notar que a THC em sua essência possui um caráter revolucionário, com vistas à transformação da realidade e a emancipação para todos os sujeitos. *TODOS*. Nesse sentido, as pessoas com deficiência, os sujeitos com T21 também são impactados nessa luta para constituição do eu, para a tomada de consciência, para a consciência de classe e, por conseguinte, para o lugar de pertencimento materializado nos usos da língua.

A proposição vigotskiana assume que o desenvolvimento do homem se dá na interação entre o biológico e os fatores culturais e, conforme complementa Luria “a mente organiza-se na sociedade” (LURIA, 2017, p. 39). Dessa maneira, não se pode desvincular o homem do contexto sócio-histórico no qual ele vive, bem como não admitir a influência deste na formação do ser.

No que diz respeito à Neurolinguística, é considerada na linguística uma área de fronteira, visto que estabelece conexões com outros campos do conhecimento. Esta teoria é salutar para nosso estudo devido à visão da Neurolinguística Discursiva direcionada aos sujeitos com desenvolvimento atípico ou com alguma patologia na linguagem. Em outras palavras, é visto em relevo o sujeito e suas singularidades e não a patologia.

A estudiosa Coudry (1986) postula que são nas práticas discursivas, no cenário da interlocução, que a ação do sujeito com e sobre a linguagem acontece. E este funcionamento oportuniza para o sujeito a superação de suas dificuldades linguísticas, pois, na situação relacional efetiva-se o papel da linguagem permeado por significações.

Há, ainda, conforme citado, outro pilar que sustenta este trabalho, trata-se da interseccionalidade e, a esse respeito, veremos a seguir.

2.1. Interseccionalidade

O conceito de interseccionalidade admitido neste trabalho é norteado pela concepção de Angela Davis (2018), intelectual marxista, a qual destacou-se como um dos marcos na luta pelo feminismo negro, pelo abolicionismo prisional e, também, uma defensora da classe pobre e trabalhadora ampliando suas preocupações para as minorias em sua totalidade, não se limitando, assim à uma concepção de luta individual.

A respeito do trabalho de Davis, a pesquisadora brasileira Angela Figueiredo expõe que “é preciso conhecer para intervir e transformar as históricas desigualdades, pois, para Angela Davis], não há possibilidade de se combater a violência sem desmontar as estruturas do sistema capitalista” (FIGUEIREDO, 2018, p. 9). Notamos, dessa maneira, o combate ao capitalismo, entrelaçado ao machismo e ao racismo. Mas essa luta, CF. Davis (2018), só pode ser empreendida por meio da conexão entre as coletividades.

Dito de outra forma, a autora supracitada admite a interseccionalidade das lutas, um elo entre a militância de todos os grupos que são oprimidos e marginalizados. Assim, nessa ampla intersecção, vislumbramos o lugar do enfrentamento pelos direitos e emancipação das pessoas com deficiência, das pessoas com a T21. Nessa fusão das mencionadas coletividades, munidos da linguagem, é possível conjecturarmos a transformação da realidade para esses grupos. Segundo a autora, não há solução na atuação isolada, pois “É nas coletividades que encontramos visões de esperança e otimismo” (DAVIS, 2018, p. 56).

Dessa forma, a luta pela liberdade, pela emancipação atrelada ao desenvolvimento da personalidade, oportuniza a tomada de decisões, o pertencimento e a própria vida. Para tanto, na junção de tais lutas, amplia-se para a pauta de se combater umas das vias que se entrecruza ao capitalismo, o capacitismo. Por meio da concepção de interseccionalidade admitida neste estudo, na articulação desse movimento libertário coletivo *damos as mãos* para combater os tentáculos do capitalismo que se manifestam nas desigualdades, no mencionado capacitismo, dado que este ressalta a condição orgânica em detrimento do sujeito. Assim, não se torna possível o empoderamento e o pertencimento.

Desse modo, necessitamos combater os mitos e os equívocos quanto às pessoas com a T21, difundindo as informações certas para pais, educadores, profissionais e para a sociedade em geral, segundo a estudiosa Ghirello-Pires (2016). Por meio desse conhecimento, esperamos ser possível a mudança no olhar, na postura da sociedade em relação às pessoas com a síndrome de Down, posto que as percepções capacitistas e patologizantes podem interferir na maneira como a própria pessoa se vê e, também, na formação de sua personalidade.

Em resumo, para Davis (2018), a interseccionalidade significa uma rica história de luta, a qual não pode ser esquecida, nem limitada por encerramentos históricos, afinal, conforme intitula-se a obra de Davis, *A liberdade é uma luta constante*, assim, engloba todos que a buscam, não somente o povo negro. Portanto, “nossas lutas produzem ideias, novas questões e novos campos nos quais nos engajamos na busca pela liberdade” (DAVIS, 2018, p. 27).

Com isso, conforme foi mencionado na introdução deste trabalho, intentamos discutir a respeito da constituição do lugar de pertencimento de JR, por meio da apropriação da linguagem materializada na situação relacional com o outro. Sobre estes aspectos e, como se deu este trajeto, descreveremos abaixo.

3. O percurso do sujeito jr

JR é um jovem de vinte e dois anos, com T21, participa do Grupo de Pesquisa “Fala Down”, vinculado ao Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística, Lapen, em uma universidade estadual no interior da Bahia. Ele passou a participar do laboratório aos doze anos e, apesar da idade cronológica apresentava à época uma fala infantilizada, permeada por assimilações fonológicas, como por exemplo, *babaiar* para trabalhar, *memengo* para Flamengo, *nananá* para guaraná e, ainda as suas produções orais eram truncadas e com ausências de algumas classes gramaticais como artigos, elementos coesivos e flexões verbais.

Diante desse contexto linguístico vivenciado por JR, não se podia estabelecer com ele uma situação comunicativa efetiva, pois pouco era compreendido da sua fala pelo interlocutor. Nesta fase, não poderíamos conceber o pertencimento de JR, bem como identificar seus interesses, os traços de sua personalidade, dado que além dessas especificidades da linguagem, ele não possuía autonomia em suas tarefas do cotidiano, por

exemplo, se vestir, tomar banho. Em virtude disso, muitas informações foram passadas a seus familiares, por meio das pesquisadoras do estudo com a finalidade de proporcionar uma mudança atitudinal por parte deles. Devido às necessidades linguísticas de JR, as pesquisadoras que passaram acompanhá-lo desde 2012, elaboraram um plano de intervenção de linguagem com foco no desenvolvimento global dele.

A presente pesquisa faz parte de um projeto desenvolvido com JR, intitulado “A Organização Discursiva da Fala de um Sujeito com síndrome de Down”, o qual foi devidamente submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, CEP, da instituição já citada tendo sido aprovado, sob o registro CAAE: 60983622.0.0000.0055.

O trabalho consistiu em sessões de atendimento ocorridas no laboratório, semanalmente com a duração de uma hora, exceto durante a pandemia, pois os encontros com o participante do estudo deram-se de forma remota. Quanto às atividades realizadas, foram feitas leituras de histórias do interesse de JR, as quais foram percebidas pelas pesquisadoras mediante as sessões de atendimentos realizadas com ele. Em seguida, contagem e recontagem dessas narrativas, escrita de alguns fatos selecionados das mesmas histórias, (re)organização de sentenças para oferecer os modelos linguísticos para JR ordenar e apropriar-se da fala.

Desse modo, para analisarmos tais processos, selecionamos um dado ocorrido com o participante da pesquisa, em situações de atendimento, apresentado na seção corresponde à análise, a seguir.

4. Análise

O dado apresentado ocorreu ao longo de algumas sessões de atendimento, em 2020, com o participante JR. O trabalho foi motivado devido à ocorrência de algumas produções orais do sujeito, relacionadas à temática futebol, pois estas ainda apresentavam resquícios de uma fala semelhante à de uma criança pequena, como por exemplo, *bocantino* para Bragantino, *ponte pêta* para Ponte Preta, *bigalô* para tricolor, *quadão aço* para Esquadrão de Aço. Diante disso, foram elaboradas estratégias de intervenção de linguagem edificadas nas necessidades linguísticas de JR. Este conteúdo foi adotado porque destacou-se relevante para o sujeito, apresentado de maneira espontânea por ele durante as conversas com a pesquisadora NM.

Considerar os interesses de JR nos remete à assertiva de Vigotski, na qual o estudioso concebe uma relação entre o desenvolvimento cultural e a consolidação da personalidade.

O menor de qualquer avanço na esfera do desenvolvimento cultural consiste, como vimos, em que o homem domina os processos de seu próprio comportamento. Porém a premissa imprescindível para esse domínio é a formação da personalidade, de modo que o desenvolvimento de uma ou outra função depende e está sempre condicionado pelo desenvolvimento global da personalidade. (VYGOTSKY, 1995, p. 329)

Assim, além de gostar de futebol, JR torce, comenta acerca dos clubes, entende as classificações dos times em campeonatos. Em outras palavras, compreendemos a atenção do participante a este assunto enquanto expressão de sua personalidade, aproximando-o por seus gostos dos jovens da faixa etária dele possibilitando-lhe o pertencimento, o desenvolvimento linguístico, por meio das reformulações da fala, as quais consolidam o desenvolvimento humano, revelado no uso da linguagem.

Isto posto, o plano de intervenção elaborado contextualizou o esporte futebol e alguns clubes para oportunizar os modelos esperados desses nomes para JR, de forma intencional e guiada, dado que o atendimento de linguagem não se trata de simples repetições focadas em treinos articulatorios.

Cumpramos destacar que a referida intervenção foi aplicada de forma remota, durante o auge do contexto pandêmico, devido à Covid-19, como citado, pois os avanços já conquistados na pesquisa com o participante não poderiam ser perdidos, pois o trabalho do outro associado à constância do atendimento de linguagem, possibilitam os avanços para o sujeito.

Em vista disso, o trabalho desenvolveu-se em quatro passos organizados da seguinte forma, o primeiro consistiu na exposição de imagens dos times de futebol, para introdução do tema. Foi solicitado a JR que respondesse a qual time a imagem pertencia, para levá-lo às produções orais, pois nas imagens não havia referência quanto aos nomes, apenas os escudos.

O segundo passo constituiu na exibição dos nomes correspondentes às imagens dos times, vistos por JR, no passo anterior. Os vocábulos foram selecionados, intencionalmente, para dar ao sujeito os modelos das palavras por meio da leitura, para que JR pudesse internalizar e apropriar-se da produção oral esperada pelas pesquisadoras. Nesse sentido, o processo deu-se da seguinte forma: a pesquisadora durante a chamada de vídeo

apresentava a imagem para o sujeito do estudo, em seguida o nome do time para ser lido, introduzindo o passo três.

O terceiro consistiu na associação do nome à imagem. Assim, após a exposição da imagem relacionada ao time, JR fez a correspondência entre a palavra e a imagem. O quarto passo deu-se por meio da escrita participativa. Nesta etapa, a pesquisadora escreveu juntamente com JR as palavras trazidas ao contexto por ele. Dito de outra forma, JR escrevia as palavras solicitadas por uma das pesquisadoras e quando necessário, ela o auxiliava neste processo.

Observamos que a etapa 01, propiciou a participação oral de JR, na qual ele identificou com sucesso o nome do clube de futebol mediante a visualização da imagem. Nesta parte, o objetivo foi atentar-se à fala dele para propor uma intervenção contextualizada, pois não se trata de correção mecânica focada em simples repetição de palavras, isso reflete, também, a importância do outro no processo de apropriação da linguagem. A figura 1 corresponde ao time Ponte Preta, produzido por JR como *ponte pêta*.

Figura 1: Exposição da temática do atendimento.



Fonte: Elaborada pelas autoras, 23.09.2020.

Dessa maneira, como já mencionado, a imagem foi escolhida de forma intencional em virtude das particularidades na pronúncia do sujeito da pesquisa. Salientamos, que JR solicitou a ajuda da pesquisadora NM em poucos momentos, de maneira geral ele conseguiu alcançar a atividade proposta sem mediação. A imagem a seguir expressa a figura 2, referente ao passo 3, no qual foi realizada a associação entre a palavra lida e as fotos dos times.

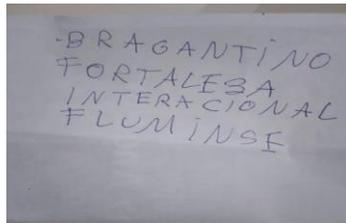
Figura 2: Passo 3 Associação entre o nome e a imagem.



Fonte: Elaborada pelas autoras, 30.09.2020.

A crescente autonomia de JR para realização das atividades, foi interpretada pelas pesquisadoras como avanços do sujeito em seu funcionamento da linguagem e expressão de sua emancipação. Abaixo, apresenta-se a escrita participativa, realizada no quarto passo.

Figura 3: Passo 4 Escrita Participativa.



Fonte: Elaborado pelas Autoras, 08.10.2020.

No último passo, observamos que JR escreve Bragantino, bem como, já alcançava na época tratada, a produção oral esperada dessa palavra e das demais, as quais motivaram a intervenção. Portanto, todos os procedimentos colaboraram por meio da situação relacional com o outro, para a apropriação da linguagem por parte de JR, por conseguinte, transformações de suas funções psíquicas, de seu desenvolvimento.

Reconhecemos na imagem 3, a escrita feita por ele *INTERACIONAL* para o time Internacional e *FLUMINSE* para Fluminense, produções escritas que passaram a ser trabalhadas também para reformulações. Notamos que as tentativas de escrita ampliaram-se conforme a produção oral, visto que este instrumento cultural auxilia-nos no atendimento para desdobramento da fala do participante e para a consolidação da personalidade por meio dos interesses manifestos juntamente com a transformação da fala, revelam-se as transformações psíquicas de JR.

Desse modo, vislumbramos ações de JR edificadas nas práticas culturais de uso social da língua, na quais ele agiu conforme Coudry (1986) com a linguagem e sobre ela, encontrando caminhos e apropriando-se dela para manifestar-se.

5. Conclusão

Diante dos aspectos observados, admitimos que o processo de apropriação da linguagem se edifica na relação com o outro e, por meio disso é oportunizado a constituição da personalidade, o lugar de pertencimento e, por conseguinte, o desenvolvimento linguístico e cultural do sujeito. Considerando as pessoas com a síndrome de Down, este funcionamento condiciona-se à linguagem. Assim, diante da discussão apresentada, verificamos que as produções orais de JR foram transformadas evidenciando os avanços e as potencialidades dos sujeitos com T21.

Conforme apresentado neste estudo, a Teoria Histórico-Cultural, a Neurolinguística Discursiva e a Interseccionalidade ofereceram-nos as bases para propiciar as transformações da realidade das pessoas com T21 para combatermos os modelos biologizantes. O processo de apropriação da linguagem por parte de JR tem possibilitado a ele o desvelamento do ser, a consolidação dos interesses, das vontades, das ações na linguagem e por meio dela, as quais envolvem a apropriação do eu, a tomada consciência. Estas são conquistas revolucionárias, pois dão aos sujeitos o domínio do próprio comportamento.

Para as pesquisadoras do estudo tratado, torna-se visível a importância da elaboração de um plano de intervenção de linguagem direcionado e focado nas particularidades de cada sujeito. Reforça, também, como foi citado a importância do outro para o desenvolvimento dos sujeitos com a T21, posto que a situação relacional intencional entre o pesquisador e o participante do estudo ultrapassa a interação, portanto, consiste em uma troca cultural simbólica mediada pela linguagem, na qual os sujeitos são interlocutores em um processo enunciativo atravessado por significações.

Dessa forma, JR tem encontrado seu lugar pela trilha da linguagem, o instrumento para suas transformações e para o seu desenvolvimento, o qual não se encerrou neste estudo, mas configurar-se-á como espaço de luta para ele e para mais jovens com a T21.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGHI, Robert. Consonant phoneme, and distinctive feature error patterns in speech. In: VAN DIKE, D.C.; FANG, D.G.; HEIDE, F. *Education clinical perspectives in the management of Down syndrome*. New York: Springer Verlag, 1990.

COUDRY, Maria Irma Hadler. A ação Reguladora da interlocução e de operações epilinguísticas sobre objetos linguísticos. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 15, p. 117-35, Campinas, 1986. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636766/4487>.

CUILLERET, Monique. *Lês trissomoques parminous ou lês mongoliesn ne sontlus*. France: Simep, 1984.

DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. Organização Frank Barat; tradução Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

FIGUEIREDO, Angela. Prefácio à edição brasileira. In: DAVIS, A. *A liberdade é uma luta constante*. Organização de Frank Barat; trad. de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

GHIRELLO-PIRES, Carla Salati. *Síndrome de Down: perspectivas atuais*. Vitória da Conquista: UESB, 2016.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*. Trad. de J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LURIA, Alexander Romanovich. Vigotskii. In: _____. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. Trad. de Maria da Pena Villalobos. 16. ed. São Paulo: Ícone, 2017.

MARX, Karl. O Capital. Crítica da economia política. *Os Economistas*. Trad. de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013. Livro I, Cap.5, p. 297-315.

MEYERS, Laura. *Using computers to teach children whith Downs syndrome spoken and written language skills*. The Psicobiology of Down syndrome, New York: Springer, 1990.

RONDAL, Jean. *Language in Down's syndrome: a life span and modularity*. Rassegna Italiana di Linguistica Aplicada. Roma: Bulzonieditore, 1991.

SCHWARTZMAN, José Salomão. *Síndrome de Down*. 2. ed. São Paulo: Mackenzie, 2003.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

STRADFORD, Brian. *Down's syndrome: past, present and future a understanding and positive guide for families, friend and professionals*. London: Penguin Books, 1989.

VYGOTSKY, Lev. Semionovitch. *Obras escogidas, tomo III*. Madri: Visor e MEC, 1995.

SEMIONOVITCH. *Quarta aula: a questão do meio na pedologia*. Rio de Janeiro, E-Papers, 2018.